

5º CONGRESSO INTERNACIONAL DE CAPITAL DE RISCO

Discurso de Abertura – Dr. Francisco Banha

Director-Geral da GESVENTURE

LISPOLIS - Lisboa, 3 de Maio de 2005

Exmo. Senhor Comendador Rocha de Matos,

Exmos. Senhores Oradores convidados,

Demais personalidades, minhas senhoras e meus senhores,

Bom dia a todos e obrigada por se juntarem a nós esta manhã, maugrado as vossas ocupadas agendas. A vossa presença honra-nos e, por isso, esperamos que o programa de hoje vos seja útil.

Há cinco anos atrás, realizava-se em Lisboa o 1º Congresso Internacional de Capital de Risco. Na altura, o Congresso debateu três grandes questões que centravam as preocupações fundamentais da comunidade empresarial:

- A necessidade de evangelização do conceito de Capital de Risco e de demonstração das enormes vantagens deste instrumento financeiro
- A promoção do espírito empreendedor
- A disseminação das melhores práticas de gestão utilizadas pelas empresas que faziam a diferença no mundo dos negócios

No encerramento do Congresso a GESVENTURE formulou o seguinte voto final, e passo a citar: *Que este Congresso seja, com toda a força do êxito que alcançámos, “apenas” o primeiro Congresso Internacional de Capital de Risco.*

E esta profecia tem-se concretizado!

De então para cá, todos os anos, a GESVENTURE tem organizado, com o importante apoio de entidades de referência do panorama económico português - com especial destaque para o Grupo PT, nas pessoas do Dr. Carlos Vasconcellos e Cruz e do Dr. Diogo Horta e Costa; e mais recentemente da PME Investimentos, na pessoa do seu Presidente do Conselho de Administração Dr. João Vicente Ribeiro, a LP BROTHERS VENTURECAPITAL, na pessoa do seu managing partner Dr. Pedro Xavier Pereira, a API CAPITAL na pessoa do seu Presidente do Conselho de Administração, Dr. Jorge Bartolo, e a Outsystems na pessoa do seu CEO, Eng^o Paulo Rosado - o Congresso Internacional de Capital de Risco que se tem assumido como o principal fórum de reflexão crítica e de debate das principais

tendências do sector de Capital de Risco, nacional e internacional, maxime através da promoção do investimento na Inovação e na capacidade criativa dos empreendedores portugueses. E é por este motivo, que este Congresso tem vindo a ser conotado como um verdadeiro espaço de congregação de vontades potenciador do financiamento das empresas que apresentam características de elevado potencial de crescimento e de valorização, independentemente do seu estágio de desenvolvimento ou sector de actividade.

Bom, mas olhemos agora para o presente para melhor agarrarmos o futuro!

A realização deste 5º Congresso é, por si só, uma demonstração inequívoca de vitalidade do espírito empreendedor dos jovens portugueses e do compromisso da GESVENTURE no desenvolvimento das suas ideias, num esforço actuante e empenhado visando a sua execução prática.

Por isso, é pois, para mim um prazer abrir este 5º Congresso, o qual se tem revelado - e digo-o sem falsas modéstias - um inexcedível contributo para um País que queremos mais competitivo e mais favorável à iniciativa empresarial.

Gostaria de agradecer a todos, os que trabalharam muito para tornar este Congresso possível e que, hoje, nos vai permitir um intercâmbio de boas práticas e experiência, a bem da dinamização do sector de

capital de risco nacional. Os oradores que hoje aqui trazemos não são os agentes da mudança, mas são certamente personalidades que irão demonstrar às pessoas mais bem posicionadas para mudarem este sector pela positiva, qual o caminho a percorrer.

Todos temos consciência que neste sector ainda existe um extraordinário potencial por cumprir. É, pois, necessário actualizar os objectivos e os processos, aproveitando-se a qualificação dos especialistas que por aqui irão passar ao longo destes dois dias de Congresso.

Efectivamente, nos últimos anos, no quadro das inovações e reformas legislativas, verificou-se uma melhoria muito significativa em prol do sector do capital de risco e do apoio ao Empreendedorismo, sobretudo a nível jurídico e fiscal. Mas, infelizmente, mais uma vez, essa melhoria foi a que se fez no papel, ou seja, na legislação e nos vários programas de apoio lançados cuja exequibilidade prática continua por cumprir.

De facto, verifica-se que há ainda muito que corrigir ou que iniciar ao nível da dinamização deste sector, para que o mesmo consiga vir a alcançar o mesmo nível de intensidade que já se verifica noutros países da Europa, com particular destaque para a nossa vizinha Espanha onde os Investimentos no sector do Capital de Risco, no exercício de 2004, foram 15 vezes superiores ao alcançado em Portugal.

Mas essa intensidade pode e deve ser salientada, pelas medidas que foram introduzidas no Programa do Governo - veja-se a propósito a aposta na inovação e o choque tecnológico nele contemplados.

Efectivamente, a implementação prática destas medidas e o seu aprofundamento no meio empresarial português, será, certamente, um desafio decisivo no processo de desenvolvimento do sector de capital de risco em Portugal, contribuindo assim para a criação de um ambiente favorável ao crescimento e à transmissão dos pressupostos essenciais que permitam desenvolver junto dos Empreendedores uma verdadeira cultura Empreendedora, assente em relações de confiança, transparência e compromisso.

Senhoras e Senhores,

A principiar este Congresso, quero apenas deixar algumas reflexões sobre este poderoso instrumento financeiro, condição necessária para a prosperidade e vitalidade da Economia Portuguesa.

A transformação de Portugal num país competitivo, o crescimento e a modernização das nossas empresas para gerar riqueza e trabalho, a reforma do Estado, tudo isso é preciso e não se faz sem uma transição que não é isenta de dificuldades.

Porém, muito provavelmente o impulso dessas reformas não será proveniente nem dos políticos, nem dos científicos nem das pessoas com responsabilidades nas estruturas governamentais, mas sim daqueles que se distinguem pelo seu pensamento independente, criatividade e capacidade de intervir activamente na comunidade.

É destes que terá que surgir obrigatoriamente uma nova classe de Empreendedores capazes de se adaptarem aos desejos dos consumidores e a raciocinar rapidamente às mudanças, empregando nas suas iniciativas a criatividade, o bom senso e a destreza para encontrar um caminho novo partindo das condições que se verificam hoje, nomeadamente ao nível das descontinuidades tecnológicas, demográficas e geográficas.

Nesse sentido - e tendo por base um Mundo que se encontra cheio de empresas Karaoke - mais importante do que copiar os modelos da Nokia ou da Siemens, da Finlândia ou da Irlanda, é atrevermos a ser diferentes como Indivíduos , Empresas ou País.

Assim, e porque os investimentos efectuados pela Indústria de Capital de Risco estimulam e sustentam o crescimento económico, o emprego, a investigação e desenvolvimento, a inovação e o surgimento de novas tecnologias suportadas por adequados registos de patentes realizadas por inúmeras startups, sou da opinião que tudo deveremos fazer para que a dinamização do Capital de Risco

em Portugal venha a ocorrer a curto prazo para que se possam vir a reflectir na nossa Sociedade os benefícios de todos conhecidos.

Para tal, considero essencial a ocorrência de uma profunda alteração dos factores inibidores do desenvolvimento da actividade de Capital de Risco em Portugal, sobretudo nas fases de financiamento seed e startup.

E essa alteração, deverá passar pela verificação das seguintes condições:

- Os operadores de capital de risco terão de assumir uma cada vez maior transparência e regras de “Corporate Governance” de forma a que a informação deixe de ser circunscrita aos próprios gestores das Sociedades de Capital de Risco e seus accionistas e passe a ser acessível ao nível dos Empreendedores, business angels, imprensa especializada, Universitários e Organismos Públicos. Aliás, a profunda evolução ocorrida nos mercados financeiros e tecnológicos e a consequente diminuição da rentabilidade do sector após a loucura dos finais da década de noventa, acrescido do interesse global em aumentar a transparência empresarial, assim o impõem;
- As Sociedade Gestoras de Fundos de Pensões e entidades Seguradoras passem a considerar, a exemplo do que ocorre nas economias anglo-saxónicas, que os investimentos no Capital de

Risco nacional podem contribuir para o aumento da rentabilidade das suas carteiras, e deste modo sejam incitadas a afectar a estes investimentos montantes que contribuam para o aumento de liquidez e diversidade dos operadores de Capital de Risco;

- Seja criado um adequado enquadramento jurídico-fiscal - a exemplo do que está a ocorrer na generalidade dos países europeus -favorável à dinamização das redes de Business Angels, em função da importância que estes investidores informais assumem na transformação de empreendimentos inovadores em negócios bem sucedidos;

Refira-se, a este propósito, que recentemente a PWC realizou um inquérito pan-europeu dirigido a mais de 50 das maiores Sociedades de Capital de Risco, o qual concluiu que 74% dos inquiridos considera a questão fiscal um elemento chave nas suas transacções, o que só comprova a necessidade de tornar extensível aos investidores informais o actual enquadramento jurídico e fiscal existente para as Sociedades de Capital de Risco institucionais.

- Os grandes Grupos Económicos nacionais constituam um efeito demonstração na criação de entidades de Corporate Venture capazes de aumentar o nível de investimentos em projectos, assentes na Inovação e Criatividade, sendo estes comumente apresentados por jovens com elevada formação científica e tecnológica.

Seria interessante quantificar os benefícios que poderiam ser obtidos pela nossa Sociedade caso, entidades como a EDP Ventures, a PT

Ventures, a Galp Ventures, a Jerónimo Martins Ventures, a Amorim Ventures, decidissem aplicar, cada uma delas, cerca de 5 milhões de euros nas suas Corporate Ventures.

Recordo a propósito, se dúvidas existissem a este respeito, estudos realizados nos EUA que demonstram que um dólar investido em I&D, através de Capital de Risco, produz três vezes mais Inovação do que um dólar investido em I&D pelas Empresas nas suas unidades tradicionais de I&D.

- Uma adequada divulgação, junto de empresários e Empreendedores, não só das vantagens e possibilidades que esta alternativa de financiamento permite, mas também pela sensibilização para os aspectos intangíveis - como a experiência, o acesso a uma rede de contactos nacionais e internacionais, e, principalmente, a credibilidade conferida às “Ideias” - os quais na minha opinião assumem tanto ou mais valor do que todas as vantagens que os recursos financeiros podem proporcionar;

- Criação de fundos de Capital de Risco Universitários, potenciando o acesso directo das Universidades a fundos de capital semente que lhes permita aplicar os resultados da pesquisa científica em novos negócios e/ou produtos. Veja-se, a exemplo, o Fundo de Capital de Risco Universitário constituído em Espanha, em Agosto do ano passado, com a participação de 16 Universidades, tendo sido dotado

com doze milhões de euros, com o objectivo de participar como capital semente em áreas de alto crescimento e iniciativas empresariais de base tecnológica no âmbito universitário;

- Criação urgente de um Programa Nacional de Incubadoras que permita não só estruturar acções de apoio às incubadoras e empresas incubadas já existentes, mas, principalmente, a criação de uma base sustentável de crescimento do movimento de Incubadoras assente, designadamente, em novas parcerias (em especial as de carácter Local), em novas fontes de recursos (em especial via Capital de Risco) e, em incentivos fiscais para a actividade de incubação (formas de proporcionar condições e ambientes mais adequados para a instalação de incubadoras).

Refira-se a este propósito, o significativo progresso registado no Brasil nos últimos anos, em que se tornou o terceiro país a nível mundial em incubadoras e o 2º maior no índice de empreendedorismo do Mundo.

- Aproveitar os investimentos (mais de 544 milhões de Euros) que o nosso país precisa de realizar na área da Sociedade da Informação, como alavanca para a dinamização das start-ups que apresentem produtos ou serviços que possam vir a satisfazer parte das necessidades relacionadas com o E-Government, a exemplo do que ocorre nos EUA onde a NASA é a alavanca para as start-ups americanas, ao afectar às mesmas cerca de 20% do seu orçamento anual;

- Realização de um Concurso Nacional de Planos de Negócios - devidamente orçamentado que possa dar sequência aos inúmeros concursos de ideias já lançados em Portugal, mas insuficientemente capitalizados - destinado a incentivar a criação de empresas inovadoras no âmbito das tecnologias de inovação. Denote-se que, em França, este Concurso, que possui um orçamento anual de 30 milhões de Euros, já vai na sua quinta edição e permitiu, em quatro anos, constituir 466 empresas e criar mais de 2300 postos de trabalho.

- Sensibilização para que os diversos Organismos do Estado responsáveis pelo Sistema Nacional de Inovação evitem redundância, dispersão e complexidade das suas intervenções na área do Empreendedorismo, sob pena de virmos a registar na aplicação das verbas provenientes do próximo Quadro Comunitário de Apoio - onde o Empreendedorismo e o Capital de Risco assumirão grande protagonismo - resultados semelhantes aos ocorridos na área da Formação Profissional em que foram investidos cerca de 4 Mil Milhões de euros mas onde ninguém conseguiu demonstrar com um mínimo de credibilidade os resultados deste investimento sem precedentes em matéria de requalificação das pessoas.

A última palavra é para os Empreendedores.

Afinal, é por estes que a GESVENTURE tem vindo a desenvolver sentidos esforços, através de um vasto conjunto de acções e iniciativas concertadas - sendo disso um exemplo vivo este 5º Congresso Internacional de Capital de Risco.

É por estes que a GESVENTURE se tem empenhado em lançar um ambiente favorável ao desenvolvimento de uma verdadeira cultura empreendedora.

É demasiado fácil identificar os jovens empreendedores apenas e só como a "civilização do imediato" que parece triunfar. No entanto, a GESVENTURE é o testemunho vivo de que o que não falta em Portugal são empreendedores detentores de projectos vencedores capazes de marcar a diferença no mercado. Mas isto não é *de per se* suficiente perante a ausência de uma verdadeira cultura empreendedora, condição essencial do funcionamento de uma Industria de Capital de Risco eficaz.

Mas para que esta cultura empreendedora seja instituída é preciso que os Empreendedores passem a preocupar-se mais com as suas reais necessidades do que com as vontades. Um projecto a apresentar a um investidor deve edificar-se sobre uma necessidade concreta, e nessa medida, evidenciar-se realista. É preciso que os empreendedores interiorizem, de uma vez por todas, que por mais que uma ideia seja atractiva, o investidor apenas vai preocupar-se em dar ao Projecto aquilo que ele realmente precisa para crescer e não aquilo que o Promotor quer.

Em face disto, caberá, então, aos Empreendedores desprender-se das ilusões próprias de um êxito imaginado e rodear-se de consultores especializados que lhes talhem o caminho certo rumo à obtenção de financiamento que lhes permita transformar o seu projecto inovador num negócio bem sucedido.

Conclusão:

Por tudo isto, desejamos que este Congresso - mais do que a prossecução de uma iniciativa pioneira lançada há 5 anos atrás - se venha a converter numa efectiva convergência de convicções, numa partilha de ideias e de práticas, numa confluência de expectativas e de vontades, e, sobretudo, como indica o nosso cartaz, que este Congresso seja, mais uma vez, **a hora de mais alguns empreendedores portugueses darem o salto.**

Oportunidades não vão seguramente faltar!

Pois, além de termos o privilégio de ter connosco, ao longo destes dois dias, alguns dos mais dedicados e capazes peritos a operar em Portugal neste sector, e de termos conseguido a mobilização dos saberes e da intervenção de alguns dos principais especialistas internacionais de referência, iremos assistir à apresentação consecutiva de interessantes Projectos que serão aqui trazidos por empreendedores já previamente seleccionados pela GESVENTURE para participarem no âmbito da iniciativa “Elevator Pitch”, além das

reuniões privadas com investidores que irão decorrer em simultâneo.

Agora, gostaria de apresentar o nosso moderador para a primeira sessão: o Dr. Horácio Piriquito, a quem agradeço, desde já, a participação no 1º painel de hoje. É com interesse que aguardamos os seus comentários sobre o tópico em questão.

Resta-me, finalmente, agradecer a atenção por todos dispensada e expressar os meus sentidos desejos de que o resultado deste Congresso vá muito para além do curto tempo da sua realização.

É reafirmando a nossa esperança no futuro deste sector e a responsabilidade partilhada que perante ele todos nós temos, que desejo a todos aqui presentes um excelente Congresso e sucesso nos trabalhos do dia de hoje!

A todos, muito Obrigado.

Francisco Banha

Director-Geral da GESVENTURE

fbanha@gesbanha.pt

www.gesventure.pt